

CULTURA ESCOLAR DA ESCOLA-CLASSE 107 SUL EM BRASÍLIA (1961-1970)

SCHOOL CULTURE OF ESCOLA-CLASSE 107 SUL IN BRASILIA (1961-1970)

CULTURA ESCOLAR DE LA ESCOLA-CLASSE 107 SUL EN BRASILIA (1961-1970)

Juarez José Tuchinski dos Anjos¹

Resumo: O artigo tem por objetivo investigar a cultura escolar da Escola-Classe 107 Sul em Brasília, entre os anos de 1961 e 1970, tomando por fontes notícias veiculadas no jornal diário *Correio Braziliense*. O recorte temporal vai de 1961 – ano da inauguração da Escola-Classe 107 Sul e da primeira notícia relativa a ela nas páginas do *Correio* – e vai até o ano de 1970, data da última notícia encontrada sobre a instituição. Apesar de ser uma escola nova – como novas eram, afinal, todas as escolas da recém-inaugurada capital federal – a cultura escolar da Escola-Classe 107 Sul tinha por vetores práticas comuns ao ensino primário brasileiro à época – como festas escolares e campanhas e concursos escolares –, mas com significados específicos, advindos da singularidade do contexto, da instituição e seus sujeitos. De fato, ao festejar, a escola o fazia para marcar aniversários da cidade e do próprio estabelecimento de ensino, combinando práticas cívicas com práticas celebrativas, fazendo das festas “educativas” em duplo sentido: incutiam determinados hábitos e condutas nos estudantes, mas, também, difundiam na comunidade os valores cívico-patrióticos que marcavam a escolarização naqueles anos de Ditadura Civil-Militar no país. Por sua vez, as campanhas e os concursos escolares propiciavam às crianças um envolvimento com os problemas da comunidade – tanto a escolar como a da cidade em que viviam – indo ao encontro das propostas educativas do período que queriam conferir centralidade à participação infantil nos processos educativos, como propugnava, dentre outras correntes pedagógicas em circulação, aquela do PABAEE.

Palavras-chave: História da educação; cultura escolar; Escola-Classe 107 Sul; Brasília; século XX.

ARTIGO



Abstract: The article aims to investigate the school culture of Escola-Classe 107 Sul in Brasília, between the years 1961 and 1970, taking as sources news published in the daily newspaper *Correio Braziliense*. The time frame goes from 1961 – the year of the inauguration of Escola-Classe 107 Sul and the first news about it in the pages of *Correio* – and goes up to 1970, the date of the last news found about the institution. Despite being a new school – as new were, after all, all the schools in the recently opened federal capital – the school culture of Escola-Classe 107 Sul had as their vectors practices common to brazilian primary education at the time – such as school parties and campaigns and school competitions – but with specific meanings, arising from the uniqueness of the context, the institution and its subjects. In fact, when celebrating, the school did so to mark anniversaries of the city and the educational establishment itself, combining civic practices with celebratory practices, making the parties “educational” in a double sense: they instilled certain habits and behaviors in students, but also, disseminated in the community the civic-patriotic values that marked schooling in those years of Civil-Military Dictatorship in the country. In turn, school campaigns and competitions provided children with involvement in community problems – both at school and in the city in which they lived – in line with the educational proposals of the period that wanted to give centrality to children’s participation in educational processes, as advocated, among other pedagogical currents in circulation, that of PABAEE.

Keywords: History of education; school culture; School-Class 107 Sul; Brasília; 20th century.

Resumen: El artículo tiene como objetivo investigar la cultura escolar de la Escola-Classe 107 Sul de Brasilia, entre los años 1961 y 1970, tomando como fuente noticias publicadas en el diario *Correio Braziliense*. El horizonte temporal va desde 1961 – año de la inauguración de la Escola-Classe 107 Sul y de las primeras noticias sobre ella en las páginas de *Correio* – hasta 1970, fecha de las últimas noticias encontradas sobre la institución. A pesar de ser una escuela nueva – como lo eran, después de todo, todas las escuelas de la recién inaugurada capital federal – la cultura escolar de la Escola-Classe 107 Sul tenía como vectores prácticas comunes a la educación primaria brasileña de la época – como las fiestas escolares y campañas y concursos escolares, pero con significados específicos, que surgen de la singularidad del contexto, la institución y sus sujetos. De hecho, al celebrar, la escuela lo hacía para conmemorar aniversarios de la ciudad y del propio establecimiento educativo, combinando prácticas cívicas con prácticas celebrativas, haciendo que las fiestas fueran “educativas” en un doble sentido: inculcaban ciertos hábitos y comportamientos en los estudiantes, pero además, difundió en la comunidad los valores cívico-patrióticos que marcaron la escolaridad en aquellos años de Dictadura Cívico-Militar en el país. A su vez, las campañas y concursos escolares brindaron a los niños una implicación en los problemas comunitarios – tanto en la escuela



ARTIGO

como en la ciudad en la que vivían – en línea con las propuestas educativas de la época que querían darle centralidad a la participación de los niños en los procesos educativos, como propugnó, entre otras corrientes pedagógicas en circulación, la del PABAEE.

Palabras clave: Historia de la educación; cultura escolar; Escola-Classe 107 Sul; Brasilia; siglo 20.

ARTIGO

Introdução

A Escola-Classe 107 Sul, em Brasília, foi inaugurada em “15 de março de 1961 [e] iniciou suas atividades neste mesmo dia, tendo como diretora a professora Lydia Diglio Cardoso” (FEDF, 1985, p. 45). Desde então, de acordo com o plano educacional elaborado para a nova capital por Anísio Teixeira (1961) em diálogo com o planejamento urbanístico de Lúcio Costa (1991), recebeu estudantes moradores da quadra que a abrigava (a 107 da Asa Sul), com idades entre 7 e 14 anos e ofereceu a eles o que se considerava, à época, uma educação de vanguarda, pautada no ideário da Escola Nova que, por essa época, confundia-se com a genérica definição de “pedagogia moderna”. Parte dessa educação ocorria na Escola-Classe – cujo ensino era equivalente ao primário daquela época – em um turno; no outro, as crianças eram enviadas à Escola Parque, onde aprendiam artes, educação física e ensino industrial, ver a respeito Teixeira (1961), Anjos (2022b).

Já se produziu considerável conhecimento histórico sobre as práticas educativas desenvolvidas na Escola Parque, como é o caso dos trabalhos de Eva Pereira e Lúcia Rocha (2011); Ingrid Wiggers (2023) e Juarez dos Anjos (2024b). Nenhum estudo, porém, foi empreendido sobre as práticas educativas ocorridas na Escola-Classe 107 Sul, no turno em que era frequentada para o aprendizado dos saberes previstos para o curso primário, sendo essa uma lacuna historiográfica que esta investigação intenta preencher.

Diante do exposto, este artigo, parte de um projeto de pesquisa mais amplo em desenvolvimento², tem por objetivo investigar a cultura escolar da Escola-Classe 107 Sul em Brasília, entre os anos de 1961 e 1970.

Por cultura escolar estou entendendo, aqui, com Dominique Julia, aquele conjunto de “[...] normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar e um conjunto de práticas que permitem a transmissão destes conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas que podem variar segundo as épocas” (Julia, 2001, p. 10). Para apreensão dessa cultura, assumo que se pode recorrer, adotando a categoria proposta por Dario Ragazzini (2001), tanto a fontes *da escola* – produzidas no seu interior e por seus atores – como fontes *para a história da escola* – produzidas fora dela, mas que falam dela. É um exemplar desse segundo tipo de fonte que interrogarei para o estudo da cultura escolar da Escola-Classe 107 Sul: notícias sobre ela e suas práticas escolares publicadas no jornal diário *Correio Braziliense*.

O *Correio Braziliense* – em circulação até nossos dias – é um órgão dos *Diários Associados*, que, nos anos 1960, constituía-se no maior conglomerado de mídia da época (Anjos, 2022c). Teve seu primeiro número impresso por ocasião da inauguração de Brasília, em 21 de abril de 1960 e, desde então, acompanhou o processo de

ARTIGO

consolidação e afirmação da cidade como nova capital do país. Conservador e governista, como definiu José Salomão d' Amorim (1993) acerca de seu posicionamento editorial nas primeiras décadas de existência, teve importante papel na defesa dos interesses e das necessidades de Brasília e de seus moradores, oferecendo-lhes, observou Ana Morelli (2002), um jornalismo de serviço. Um tema que teve ampla cobertura pelo periódico foi a educação local, seja em quadros editoriais dedicados a denunciar as contradições e carências da nova capital, como o assinado por Ari Cunha (Anjos, 2022a) ou em colunas especificamente voltadas a assuntos de educação e cultura, como foi o caso das mantidas pela jornalista Yvonne Jean (Anjos, 2024a; Anjos; Ribeiro; Sá, 2023; Barbosa, 2021). Por essa razão, mesmo tendo sido produzido fora da Escola-Classe 107 Sul, o *Correio Braziliense* permite acessar “instantâneos” do seu cotidiano e de seus fazeres ordinários (Chartier, 2000) e, por meio das “teias de significados” (Geertz, 2008) das práticas que descreve, a cultura escolar ali em movimento.

Em termos metodológicos, na pesquisa mais ampla em que se abriga este estudo, consultaram-se todas as edições do jornal *Correio Braziliense* da década de 1960, disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, por meio da busca pela palavra-chave “escola”. O rastreio retornou mais de 15 mil ocorrências, que foram lidas uma a uma até se chegar no corpus documental que integra o banco de dados com o qual tenho trabalhado desde então, no qual estão catalogadas/ transcritas 423 notícias relativas à escola e a escolarização primárias no Distrito Federal. Para este estudo, foram selecionadas algumas relativas à Escola-Classe 107 Sul e que formam o corpus documental interrogado para a construção desta narrativa historiográfica. O recorte temporal da pesquisa, por essa razão, vai de 1961 – ano da inauguração da Escola-Classe 107 Sul e da primeira notícia relativa a ela nas páginas do *Correio* – e vai até o ano de 1970, data da última notícia encontrada sobre a instituição, já às vésperas da aprovação da Lei 5.692 de 1971, que operaria mudanças no ensino primário, nível de atuação da instituição investigada.

O artigo divide-se em três partes. Na primeira, serão analisadas algumas festas escolares realizadas na Escola-Classe 107 Sul. Na segunda, as práticas educativas promovidas por meio de campanhas e concursos escolares. Na última parte, são tecidas algumas considerações, a modo de conclusão.

A escola festeja

As festas, como demonstrado em um balanço recente (Oliveira; Anjos, 2022), são um tópico recorrente na historiografia da educação contemporânea. Elas têm sido tomadas como momentos reveladores de sentidos e significados da vida social, expressos no gesto de celebrar e comemorar. Podem ser entendidas, parafraseando o que escreveu Emmanuel Le Roy Ladurie acerca do Carnaval de Romans, como

ARTIGO

acontecimento pontual, “[...] que reflete as culturas e os conflitos de uma época” (Ladurie, 2002, p. 385).

Dois tipos de festas escolares – *acontecimentos pontuais* – realizadas na Escola-Classe 107 Sul tingiram as páginas do *Correio Braziliense* no recorte temporal deste estudo: os festejos em comemoração ao aniversário da cidade e aniversário da escola.

Na edição de 20 de abril de 1968, deu-se destaque à várias comemorações realizadas em Brasília em alusão ao 8º aniversário de fundação da cidade. Dentre eles, as festas levadas à cabo nas escolas, com destaque para a Escola-Classe 107 Sul:

Numerosas escolas desta Capital, dentre as quais jardins de infância, comemoraram ontem o 8º aniversário da cidade que transcorre amanhã, através de palestras, explicações e cânticos. Na Escola Classe da SQ 107 o programa foi variado (foto) lembrando as datas cívicas do mês com a presença da coordenadora do Ensino Primário (Vários [...], 1968, p. 16).

Após a gestão JK e até o golpe civil-militar de 1964, a permanência da nova capital em Brasília foi motivo de grande apreensão. Jânio Quadros não gostava do fato da sede do poder ficar afastada do litoral; havia pressões para que ela retornasse ao Rio de Janeiro e muitas obras foram paralisadas (Leme, 1999). Oito anos depois, porém, o quadro era diverso: a ditadura havia elegido a manutenção de Brasília como uma das bandeiras do novo regime e a sua condição de capital já não era mais questionada (Leme, 1999). Daí, um dos sentidos de comemorar seu aniversário: celebrar a concretização de um projeto mudancista e modernizador do país.

A data escolhida para a inauguração da cidade já era ocupada por uma efeméride republicana: o 21 de abril, dia de Tiradentes. Unir a memória desse herói da pátria à sua nova capital fora uma escolha hábil de JK para estabelecer relações entre passado e presente no processo de fundação de Brasília. Por essa razão é que os festejos do seu aniversário, em 1968, na Escola-Classe 107 Sul, além de “palestras, explicações e cânticos” contavam também com a comemoração das “datas cívicas” do mês, bem ao gosto do civismo promovido pelo regime e da coincidência de datas que marcava o aniversário da inauguração da nova capital. Ao mesmo tempo que as crianças celebravam mais um ano de vida da jovem cidade, tinham oportunidade de relacionar a comemoração aos valores cívicos e patrióticos dos que lutaram pelo país. Essa, segundo Mona Ozouf, é uma das características da festa: “[...] não existe festa sem reminiscência, repetição do passado, frequentemente anual, a festa traz consigo uma memória” (Ozouf, 1976, p. 217). Memória alimentada na Escola-Classe 107 Sul no ato de festejar mais um ano da jovem capital.

A nota sobre o festejo era acompanhada de um registro fotográfico (Figura 1)

ARTIGO

Figura 1 – Estudantes da Escola-Classe 107 Sul



Fonte: Correio Braziliense (Vários [...], 1968).

O momento capturado pelo fotógrafo parece ser o de apresentação dos temas cívicos que foram agregados à festa do aniversário da cidade, como se infere das figuras em destaque nos cartazes, que as crianças empunhavam e apresentavam a um possível público que ficou fora do campo fotográfico (dentre o qual estava a coordenadora do ensino primário da capital). As posturas, em seus detalhes, apresentam algumas variações: uns com os braços cruzados, outros com os braços atrás do corpo, outros com os braços em posição de “descanso”. Mas, no seu conjunto, a pose flagrada expressa certa unidade e harmonia – todos uniformizados – na apresentação preparada e oferecida à comunidade escolar. É a escola celebrando com aquilo que ela faz: a educação. A comemoração, desse modo, não deixava de ser em certa medida uma vitrine, em que se expunha aos participantes um pouco daquilo que a escola fazia naqueles anos de Ditadura Civil-Militar, a transmissão de valores cívico-patrióticos, manifesta, também, no ato de celebrar mais um ano de história da nova capital.

Outra data que apareceu celebrada foi o aniversário da Escola-Classe 107 Sul. Em 14 de março de 1970, quando ela completava nove anos de funcionamento, o jornal deu a seguinte nota, na coluna *Ensino e Cultura*: “Com hasteamento da bandeira e canto do Hino Nacional terão início, amanhã, às 10h30 horas, as comemorações do aniversário da escola Classe 107 sul” (*Ensino [...]*, 1970, p. 11). Novamente, ritos cívicos dão o tom de uma comemoração no estabelecimento de ensino, embora a brevidade da descrição não nos permita maiores considerações. Um ano antes, porém, em 16 de março de 1969, o jornal apresentou aos leitores uma descrição mais detalhada do funcionamento da escola e dos festejos alusivos ao seu aniversário. Sobre o

ARTIGO

funcionamento da escola, destacou:

A Escola-Classe da Superquadra 107 comemorou, ontem, pela manhã, seu oitavo aniversário de fundação, ocasião em que reuniu todos os seus alunos e professores para festejar o acontecimento. Uma das primeiras escolas fundadas no Plano Piloto, a escolinha da 107 conta, no momento, com uma média de 400 alunos, sob a direção da professora Lydia Diglio Cardoso e ministra desde a 1^a fase primária até a 5^a além de possuir a 6^a fase, correspondente ao 1º ano ginásial e dois turnos de pré-primário para alunos de seis anos (Escola [...], 1969, p. 16).

Conforme o plano educacional de Brasília, a educação primária devia ocorrer em espaços distintos: o jardim de infância, para crianças de 4 a 6 anos e o par escola-classe/ escola parque para as de 7 a 14 anos (Anjos, 2022b; Teixeira, 1961). Era um avanço no cenário brasileiro de então, já que a educação pré-primária ainda era vista como privilégio de poucas crianças, sobretudo das classes mais abastadas (Luz; Anjos, 2022). Em Brasília, onde se queria uma educação democrática, esses espaços seriam instalados em todas as quadras, preparando os pequenos para o ensino primário regular. Todavia, passados 7 anos de inauguração da cidade, a situação era diversa: a Escola-Classe 107 Sul, na falta de um jardim de infância na quadra, acolhia também dois turnos de pré-primário além do 5º e 6º anos do ensino primário que, sob influxo das recomendações das Conferências Internacionais de Instrução Pública do Bureau Internacional de Educação e da Unesco (Brasil, 1965), realizava a paulatina extensão da educação primária em 5 anos e um 6º ano que contava como 1º do ginásial. Assim, era bem heterogênea a clientela de 400 alunos atendida pela escola: ia desde crianças pequenas até quase a adolescência, representada pelos alunos do 6º ano. Eram todos estes estudantes, junto de seus professores, que assistiram naquele ano de 1968 os festejos do 7º aniversário da Escola-Classe 107 Sul e era uma história de adaptação de um modelo educativo a sempre rebelde realidade que a escola comemorava.

Sobre os festejos propriamente ditos, estes constaram das seguintes atividades:

As comemorações de aniversário da escolinha contaram com a presença de todos os alunos, da Diretora, da vice-diretora, Prof. Maria Helena Ferreira da Cunha, das orientadoras primárias Inge Strake e Taurina Zacarias (...) Iniciadas as festividades com a entoação do hino nacional, regido pelo maestro Levino, seguiu-se um histórico da escola, desde sua fundação a 15 de março de 1961 até hoje.

Depois disso os alunos da professora Shirley entoaram um canto, seguido por uma poesia declamada pelas alunas Jane Alves e Leanara Araújo Pinto. Após o canto “Tim-Tim” a cargo dos alunos da professora Dilma a classe da professora Marlene declamou uma poesia. Os alunos do pré-primário sob a direção das professoras Terezinha e Ivonete, apresentaram um canto

ARTIGO



enquanto a 6^a série levou a efeito um coro falado e um canto em inglês. Ouviu-se depois um número das 4as séries, uma poesia em coro pelos alunos da profa. Magdalena, um canto pelos alunos da profa. Aparecida e um grupo regido pelo maestro Levino Alcantara. O encerramento das comemorações deu-se ao meio-dia, quando todos os pequenos estudantes cantaram o Hino à Escola (Escola [...], 1969, p. 16).

Em meio à cânticos e coros – alguns deles regidos pelo Maestro Levino Alcântara, um dos precursores do ensino musical em Brasília (Abreu, 2018) – o modo de festejar adotado foi a expressão artística, numa demonstração coletiva do amor à escola, mas, também, do amor à Pátria, representado pelo Hino Nacional que abriu as comemorações. A festa, mais uma vez, era a vitrine de exibição das dimensões educativas da instituição, da qual participavam todas as turmas – inclusive o pré-primário, instalado na escola à revelia do plano educacional. Dos pequenos aos mais velhos, todos tiveram sua oportunidade de contribuir para que a festa pudesse acontecer. Para encerrar a notícia, uma foto posada dos alunos da escola ilustrava o que fora dito no decorrer da matéria (Figura 2)

Figura 2 – Estudantes da Escola-Classe 107 Sul



Fonte: Correio Braziliense (Escola [...], 1969).

Impossível não notar, na foto posada, a centralidade que se quis conferir à bandeira do Brasil, numa clara demonstração dos valores cívicos presentes no cotidiano escolar, inclusive em suas festas, lembrando aos expectadores ter sido ela capturada numa época em que a escola estava imbebida num ideal cívico-patriótico alimentado pelo regime militar. De um e outro lado, crianças uniformizadas acompanhadas de sua professora, imortalizando no registro fotográfico também um ideal de escola que comemorava mais um ano de existência: uma escola que valoriza sua própria história e a celebrava junto com os que ajudavam a construi-la, a cada ano, por ocasião do seu aniversário.



ARTIGO

A educação através de campanhas e concursos escolares

Além das festas escolares, outra dimensão da cultura escolar da Escola-Classe 107 Sul sobre a qual o *Correio Braziliense* joga alguma luz é a realização de campanhas e concursos escolares, com finalidades educativas.

As campanhas escolares parecem estar relacionadas a conteúdos difundidos na disciplina dos Estudos Sociais. Conforme um dos manuais traduzidos pelo PABAEE – Programa de Assistência Brasileiro Americana ao Ensino Elementar, realizado entre 1956 e 1964 e do qual participaram várias professoras de Brasília (Anjos, 2024a; Melo, 2016), o que torna plausível que, no campo das possibilidades históricas (Davis, 1987), se possa aventar que tenham buscado nele inspirações para suas práticas – “[...] uma das grandes necessidades da infância no mundo de hoje, é a oportunidade de participar de trabalhos socialmente significativos” (Preston, 1965, p. 149), para o que o autor Ralph C. Preston recomendava que as crianças se envolvessem com problemas relativos à escola, desempenhando, dentre uma gama de atividades, campanhas escolares (Preston, 1965). Outro autor contemporâneo e cujo manual também foi posto em circulação no Brasil por força dos acordos do PABAEE, John U. Michaelis (1963), incentivava que a dimensão do serviço à comunidade fosse ensinada às crianças através de campanhas de limpeza, beneficência, segurança, dentre outras. Segundo esse educador norte-americano,

Ao empreender projetos de serviço, as crianças adquirem compreensão das necessidades da comunidade, do planejamento cooperativo, dos processos de grupo e da importância dos serviços prestados aos outros. Seu trabalho nos estudos sociais será vitalizado e ganhará maior significação em resultado das atividades de serviço à comunidade. Estimular-se-á o uso das facilidades e serviços oferecidos por esta e os laços entre a escola e a comunidade se tornarão mais estreitos (Michaelis, 1963, p. 241).

Ao que parece, era em diálogo com esse tipo de concepção pedagógica que a Escola-Classe 107 Sul realizava muitas campanhas, sendo dado destaque, na coluna da jornalista Yvonne Jean de 2 de outubro de 1962, à Campanha do Cadeado e do Vidro, para qual a aluna Sandra Nardelli escreveu uma redação no jornal da escola-classe, que foi reproduzida nas páginas do *Correio Braziliense*:

ESCOLA 107

Publicamos no domingo a reportagem sobre a universidade de Brasília, realizada pela antiga equipe da redação da “Gazeta Escolar” da escola-classe 107 e aludimos às numerosas campanhas dos alunos. Eis, agora, um artigo de Sandra Nardelli, encaminhando as campanhas do cadeado e do

ARTIGO

vidro:

SONHO EXTRAORDINÁRIO

Essa noite eu tive um sonho. Sonhei que eu era diretora da Escola Classe 107 e toda manhã, quando chegava, as crianças vinham me beijar e abraçar dizendo:

- Bom dia, dona Sandra! Bom dia!

E aquele bom dia para mim era uma fonte de alegria.

Certo dia, quando cheguei, vi todo mundo triste, e sem perguntar nada a ninguém, deixei passar e fui para o meu gabinete.

De lá, fui correr as salas de aulas e que decepção ao ver que as carteiras estavam quebradas e os vidros rachados!

E pensando achei que devíamos ensinar às crianças a amar a sua escola, porque assim saberiam respeitá-la.

Cada aluno tomaria conta dela como seu lar, porque na verdade a escola é deles.

Nisto ouvi que me chamavam e já ia ver o que era, quando acordei, com minha irmã despertando-me e aí vi que não era diretora e sim aluna da 107, que a ama e a quer de todo coração.

Tudo não passou de um simples, mas extraordinário sonho.

Como me senti tão tristonha ao ver diante dos meus olhos, ainda que sonhando, aquelas cenas dolorosas, com nossa escola destruída por aqueles que, mais do que ninguém, deveriam zelar por ela.

Nossa escola é como se fosse o nosso lar. Compete-nos amá-la e defendê-la e não destruí-la (Jean, 1962, p. 9).

O texto do jornal escolar veiculado pela colunista Yvonne Jean apresenta os significados atribuídos pela estudante Sandra Nardelli à conservação do edifício que abrigava sua escola. Usando de licença poética, imagina um sonho no qual era a diretora que via as necessidades da instituição, com suas carteiras quebradas e vidros rachados. Ao final, reconhecendo não ser ela diretora, mas, sim, uma aluna, revela um esforço literário para sensibilizar seus colegas sobre as atitudes de zelo e cuidado que deviam alimentar para com a Escola-Classe que frequentavam, endossando, a seu modo, a campanha para a compra de vidros e cadeados. Era uma forma por meio da qual a estudante sentia-se parte das medidas tomadas naquela campanha, dando sua contribuição para seu êxito, bem de acordo com o sentido pedagógico que os educadores norte-americanos que vimos linhas atrás atribuíram a essa prática educativa.

ARTIGO

Outra prática com objetivos educativos eram os concursos escolares. No período em tela, foram encontrados concursos realizados em várias escolas e um deles, em especial, envolvendo os alunos da Escola-Classe 107 Sul. O assunto foi tema de matéria publicada em 15 de novembro de 1961:

Denise Vivaldi Ribeiro, 10 anos, 4^a série, da escola classe 107 e aluna da professora Mirtes Cardoso teve seu trabalho classificado em 1º lugar no Concurso Escolar de Cartazes, segundo veredito da Comissão Julgadora, após reunião realizada ontem, às 16h, no salão do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Cento e sessenta e oito crianças das escolas primárias de Brasília participaram do Concurso numa demonstração expressiva do sucesso da Campanha “Ajude sua Cidade” e do interesse despertado entre os escolares. O trabalho classificado em primeiro lugar servira de base à confecção do cartaz institucional da campanha e até dia 10 do corrente deverá estar afixado em todos os pontos de interesse da cidade [...]

NÍVEL EXCELENTE

[...] O trabalho classificado em 1º lugar tem uma simplicidade monumental e um equilíbrio de cores que demonstra uma sensibilidade já bem apurada [...]

EXPOSIÇÃO DE ARTE INFANTIL

Todos os trabalhos apresentados farão parte da 1^a Exposição de Arte Infantil, a se realizar proximamente, no saguão do ministério da Marinha [...] (Classificado [...], 1961, p. 8).

O concurso escolar em questão – uma disputa entre estudantes para ver quem produziria o melhor cartaz para uma Campanha da Prefeitura do Distrito Federal, intitulada “Ajude sua cidade” – foi apenas mais um tipo de competição realizada entre os escolares em Brasília na década de 1960, indicando como a fé no talento e na emulação infantil alimentavam práticas educativas do ensino primário à época. No concurso que examinamos, sobressaiu-se a aluna Denise Vivaldi Ribeiro, da 4^a série da Escola-Classe 107 Sul. Competiu com outras 167 crianças, o que demonstra o grande envolvimento que esse tipo de concurso promovia entre os estudantes.

O tema, sem dúvida, era de mote educativo: ilustrar formas de ajudar a cidade em que viviam e que era, naquele momento, uma cidade nova e cuja afirmação dependia também da adesão de seus moradores a ela. O cartaz elaborado pela aluna, selecionado por um júri que afirmou que o trabalho “tem uma simplicidade monumental e um equilíbrio de cores que demonstra uma sensibilidade já bem apurada”, revela dotes artísticos da autora, que podem ter sido desenvolvidos na sua frequência à Escola-Classe e Escola Parque. Ele serviria de base à elaboração do cartaz oficial da campanha

ARTIGO

– e aqui, de fato, duas práticas escolares se cruzam, o concurso e a campanha – e ainda seria exposto junto aos demais no saguão do Ministério da Marinha. Ao mesmo tempo em que o concurso educava os escolares, dava a ver à sociedade o que a escola fazia quando estava trabalhando para educá-los, manifestando um profundo compromisso da instituição escolar com as necessidades e interesses da comunidade local.

Considerações finais

Este artigo teve por objetivo investigar a cultura escolar da Escola-Classe 107 Sul em Brasília, entre os anos de 1961 e 1970, tomando por fontes notícias veiculadas no jornal diário *Correio Braziliense*.

Apesar de ser uma escola nova – como novas eram, afinal, todas as escolas da recém-inaugurada capital federal – a cultura escolar da Escola-Classe 107 Sul tinha por vetores práticas comuns ao ensino primário brasileiro à época – como festas escolares e campanhas e concursos escolares –, mas com significados específicos, advindos da singularidade do contexto, da instituição e seus sujeitos.

De fato, ao festejar, a escola o fazia para marcar aniversários da cidade e do próprio estabelecimento de ensino, combinando práticas cívicas com práticas celebrativas, fazendo das festas “educativas” em duplo sentido: incutiam determinados hábitos e condutas nos estudantes, mas, também, difundiam na comunidade os valores cívico-patrióticos que marcavam a escolarização naqueles anos de Ditadura Civil-Militar no país. Por sua vez, as campanhas e os concursos escolares propiciavam às crianças um envolvimento com os problemas da comunidade – tanto a escolar como a da cidade em que viviam – indo ao encontro das propostas educativas do período que queriam conferir centralidade à participação infantil nos processos educativos, como propugnava, dentre outras correntes pedagógicas em circulação, aquela do PABAEE.

Certamente, não era só o que vimos aqui que a Escola-Classe 107 Sul fazia no seu dia a dia. Mas, sem dúvida, esses aspectos foram aqueles que o jornal *Correio Braziliense* destacou aos olhos dos seus leitores no período aqui investigado, evidenciando, uma vez mais, seu alinhamento ao poder e seu caráter chapa-branca. Estudos futuros, que tomem por fontes documentos produzidos na própria instituição escolar – caso ainda existam – poderão ampliar e/ou matizar essas primeiras interpretações que o presente estudo permitiu elaborar.

Referências

ABREU, Delmary Vasconcelos de. Maestro Levino Ferreira de Alcântara e a gênese

ARTIGO

da educação musical no Distrito Federal. In: PEREIRA, Eva Waisros; COUTINHO, Laura Maria; RODRIGUES, Maria Alexandra Militão (org.). *Anísio Teixeira e seu legado à educação do Distrito Federal: história e memória*. Brasília, DF: Editora da UnB, 2018. p. 115-142.

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. Ari Cunha e as críticas ao sistema de ensino de Brasília na coluna visto, lido e ouvido (Correio Braziliense, 1960-1965). *História da Educação*, Porto Alegre, v. 26, p. 1-25, 2022a. DOI: <https://doi.org/10.1590/2236-3459/120337>.

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. Aspectos das culturas escolares da escola primária em Brasília nas colunas de Yvonne Jean (1962-1964). *Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 24, n. 80, p. 318-331, abr. 2024a. DOI: <https://doi.org/10.7213/1981-416X.24.080.AO09>.

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. O Inep e o planejamento do sistema público de ensino de Brasília nos anos 1950. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, DF, v. 103, n. 263, p. 87-94, jan./abr. 2022b. DOI: <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbepl.103i263.5283>.

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. O jornal ‘correio braziliense’ como fonte para a história das culturas escolares em Brasília (1960-1971). In: BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani; ZIMMERMAN; Tânia Regina (org.). *Fontes históricas em perspectivas situadas: limiares de pesquisas e ensinabilidades em educação*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022c. p. 37-54.

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. Práticas escolares da escola Parque de Brasília nas colunas da jornalista Yvonne Jean (1962-1963). *Ponto de Vista*, Viçosa, v. 13, n. 1, p. 1-13, abr. 2024b. DOI: <https://doi.org/10.47328/rpv.v13i1.17510>.

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos; RIBEIRO, Betânia Laterza de Oliveira; SÁ, Elizabeth Figueiredo de. Festas escolares em Brasília: o olhar da jornalista Yvonne Jean. *Educação em Questão*, Natal, v. 61, n. 70, p. 1-23, set./dez. 2023. DOI: <https://doi.org/10.21680/1981-1802.2023v61n70id34015>.

BARBOSA, Etienne Baldez Louzada. Notícias da pré-escola no Distrito Federal: apontamentos de Yvonne Jean (1960-1964). *Educar em Revista*, Curitiba, v. 37, p. 1-19, jun. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.75364>.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos. *Conferências internacionais de instrução pública: recomendações 1934-1963*. Brasília, DF: INEP, 1965. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnibpcajpcgclefindmkaj/http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me002529.pdf>.

CHARTIER, Anne-Marie. Fazeres ordinários da classe: uma aposta para a pesquisa e para a formação. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 157-168, jul./dez. 2000.

ARTIGO

DOI: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022000000200011>.

CLASSIFICADO o cartaz da campanha: apresentados 168 trabalhos infantis. *Correio Braziliense*, Brasília, DF, p. 8, 15 nov. 1961.

COSTA, Lúcio. *Relatório do plano piloto de Brasília*. Brasília, DF: GDF, 1991.

D'AMORIM, José Salomão. Correio Braziliense: a força e a fraqueza de um jornal. In: SINDICATO DOS JORNALISTAS PROFISSIONAIS DO DF (org.). *Jornalismo em Brasília: impressões e vivências*. Brasília, DF: Lantana Comunicação, 1993. p. 92-107.

DAVIS, Natalie Zemon. *O retorno de Martin Guerre*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

ENSINO e cultura. *Correio Braziliense*, Brasília, DF, p. 11, 14 mar. 1970.

ESCOLA da 107 festeja aniversário. *Correio Braziliense*, Brasília, DF, p. 16, 16 mar. 1969.

FEDF – Fundação Educacional do Distrito Federal. *Escolas da FEDF*. Brasília, DF: Fundação Educacional do Distrito Federal, 1985. v. 1.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

JEAN, Yvonne. Correio estudantil: ensino dia a dia. *Correio Braziliense*, Brasília, DF, p. 9, 2 out. 1962.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, Maringá, v. 1, n. 1, p. 9-43, jan./jun. 2001. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38749>.

LADURIE, Emmanuel le Roy. *O carnaval de Romans*: da candelária à quarta-feira de cinzas 1579-1580. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LEME, Maria Cristina da Silva. Brasília e seu plano piloto. In: LEME, Maria Cristina da Silva (coord.). *Urbanismo no Brasil 1895-1965*. São Paulo: Studio Nobel, 1999. p. 230-241.

LUZ, Alana Souza; ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. Financiamento e usos da caixa escolar nos jardins de infância de Brasília (1960-1970). *Entreideias*, Salvador, v. 11, n. 3, p. 39-58, set./dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.9771/re.v11i3.48535>.

MELO, Valéria R. *Aperfeiçoamento de professores primários nos primórdios de Brasília: contribuições do INEP*. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.26512/2016.04.D.20901>.

MICHAELIS, John U. *Estudos sociais para crianças numa democracia*. Porto Alegre: Editora Globo, 1963.

MORELLI, Ana Lúcia. *Correio Braziliense: 40 anos: do pioneirismo à consolidação*. 2002. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação,

ARTIGO

Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2002. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/37772>.

OLIVEIRA, Aline Ribeiro de; ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. Um balanço da historiografia sobre festas escolares (2000-2021). *Teoria e Prática da Educação*, Maringá, v. 25, n. 3, p. 180-197, set./dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.4025/tpe.v25i3.64445>.

OZOUF, Mona. A festa: sob a revolução francesa. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (org.). *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alvez, 1976. p. 216-232.

PEREIRA, Eva Waisros; ROCHA, Lúcia Maria da Franca. Escola Parque de Brasília: uma experiência de educação integral. In: PEREIRA, Eva Waisros; COUTINHO, Laura Maria; RODRIGUES, Maria Alexandra; HENRIQUES, Cinira Maria Nóbrega; SOUZA, Francisco Heitor de Magalhães; ROCHA, Lúcia Maria de Franca (org.). *Nas asas de Brasília: memórias de uma utopia educativa (1956-1964)*. Brasília, DF: Editora da UnB, 2011. p. 161-178.

PRESTON, Ralph C. *Ensinoando estudos sociais na escola primária*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1965.

RAGAZZINI, Dario. Para quem e o que testemunham as fontes da história da educação?. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 18, p. 13-28, dez. 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.231>.

TEIXEIRA, Anísio. Plano de construções escolares de Brasília. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Rio de Janeiro, v. 35, n. 81, p. 195-199, jan./mar. 1961. Disponível em: <http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/artigos/plano3.html>.

VÁRIOS festejos marcam o 8. aniversário da cidade. *Correio Braziliense*, Brasília, DF, p. 16, 20 abr. 1968.

WIGGERS, Ingrid Ditrich. *Memórias da Escola Parque*. Brasília, DF: Editora da UnB, 2023.

Notas

¹Doutor em Educação, na linha de História e Historiografia da Educação, pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor Adjunto de História da Educação e História da Educação Brasileira no Departamento de Teoria e Fundamentos e no Programa de Pós-Graduação em Educação, Modalidade Profissional, da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB).

²Trata-se da pesquisa “História das culturas escolares em Brasília (1960-1971)”.

